

Comentário sobre a conferência “A escuta psicanalítica do arcaico em sessão”, de Anne Brun¹

Christiane Vecchi da Paixão²

Inicialmente, gostaria de agradecer a presença da Anne Brun na SBPdePA e o honroso convite que recebi da comissão científica para tecer alguns comentários a respeito do belíssimo trabalho da Anne.

Quando recebemos a Anne Brun na Jornada do ano passado, tivemos a satisfação de acompanhar a riqueza do seu pensamento clínico e a forma como faz trabalhar os conceitos, servindo-se deles. O trabalho que hoje ela apresenta renova esse sentimento. Meus comentários irão retomar algumas das ideias descritas por ela e que estimularam as minhas associações.

Anne inicia situando-nos de qual base conceitual ela parte. O termo “arcaico” se refere ao período de 0 a 2 anos, no qual predomina a linguagem do corpo e do ato, distinta da linguagem verbal, que é uma aquisição posterior. Também aponta para o duplo sentido da palavra arcaico: começo e princípio. “Começo” se refere aos inícios da vida psíquica, com suas marcas vivenciais na relação com os objetos e o ambiente, organizadas de uma determinada maneira e que sofrerão arranjos e rearranjos ao longo da vida, numa clara referência à ideia Freudiana descrita na carta 52. Sob esse ponto de vista, podemos dizer que a linguagem, no sentido amplo do termo, é tributária da relação com os objetos e o ambiente.

No entanto, quando os processos de reorganização, rearranjos, estão inoperantes, ou seja, quando as marcas perceptivas traumáticas não sofreram trans-

¹ Conferência proferida no Colóquio realizado pela SBPdePA em 03/09/2022.

² Membro Titular com função didática da SBPdePA.

criação, tradução e rearranjo, será função do analista escutar as outras formas de linguagem e estabelecer ligações que serão inseridas em uma trama simbólica assimiladas pelo Eu. Ainda que o sujeito fale e possa fazer uso da palavra, há algo que ele experimenta na forma de sensações ou são expressas em atos, que falam dele e por ele, sem que possa ainda compreender.

Anne chama atenção ao fato de que essas experiências traumáticas primárias podem ser reavivadas no trabalho analítico e expressas por sensações difusas, de afastamento de si (como se eu não estivesse ali), em linguagem de sensações catastróficas (cair, despencar, desmoronar, liquefazer, sumir, desaparecer), indicando que acessamos uma zona psíquica não assimilada pelo Eu. Essas sensações catastróficas surgem no lugar das recordações. O recordado retorna do recalçado e a sensação disruptiva alucinatória vem de outro lugar, são marcas de experiências cindidas em busca de representação. Nesse sentido, sabemos que na clínica de hoje o analista faz mais do que escutar em atenção flutuante, e nossas intervenções vão além da revelação do recalçado (*per via de levare*), passamos a operar também oferecendo associações, imagens, construções históricas, trabalhamos também por *via de porre*.

Podemos pensar que esse arcaico é uma zona traumática, que nada tem a ver com o trauma sexual infantil das psiconeuroses, com suas defesas, fantasias e um enredo particular que operam pelo princípio da condensação e do deslocamento.

Com o conceito de para-excitação, Freud intui que a preservação do organismo depende tanto da capacidade de não perceber, quanto da capacidade de registrar estímulos internos e externos, no entanto, também diz que há formas extremas de angústia primitiva que provoca um estado de desorganização e que só podem ser descritas em termos econômicos: por ruptura, inundação e desamparo total. A esse tipo de angústia chama de automática. Já a angústia sinal é uma tentativa de evitar o transbordamento dessa primeira, de tal forma que se elevam defesas para tornar manejável a vivência traumática.

Essa angústia descrita em termos econômicos para diferenciar das psiconeuroses foi definida pelo casal Madeleine e Willy Baranger como trauma puro. Trauma puramente econômico, que não sofreu o trabalho do *a-posteriori*, portanto, não está inserido na trama histórica pessoal do sujeito. É um trauma sem história, à espera de ligação, por mais dura e absurda que seja a história pessoal de cada um. Dentro dos limites de uma metáfora, associei com a imagem do buraco da mina de carvão no Chile que vai se expandindo e colocando em risco o seu entorno e que exige um trabalho de contenção.

(Gostaria de ouvir a Anne sobre isso.)

Tendo isso em vista, penso que o aparelho psíquico se constitui para dar conta das intensidades, intensidades pulsionais disposicionais, bem como as

intensidades geradas pelo encontro com os objetos. O objeto, com sua pulsionalidade, traumatiza o bebê. Não podemos pensar que tenha o mesmo registro de experiência uma mãe que amamenta se sentindo vampirizada ou sentindo prazer sexual com seu bebê, e uma mãe que atende satisfatoriamente as necessidades dele. Pergunto a Anne que peso dá a pulsionalidade do objeto primário, não apenas no sentido das falhas na função continente, mas tendo em vista a sexualidade do objeto.

A angústia é o afeto por excelência, sendo a situação de desamparo originário a base de todas as angústias que irão aparecer ao longo da vida, cabendo ao analista escutar as diferentes dimensões da angústia em sua relação com o funcionamento psíquico: angústia sinal, angústia automática, angústia de castração, angústia de aniquilamento ou de desintegração, angústia persecutória, terror sem nome... O inconsciente grita através dos atos carregados de intensidade, o grito de desamparo do recém-nascido ressoa no adulto que ainda é, em alguma medida, um bebê desamparado. Eu tenho a impressão de que, nesses casos, o trabalho do analista é se implicar ainda mais no processo, a transferência/contratransferência é muito mais carregada das paixões (amor e ódio) e exige que o analista reconheça que algo seu tem efeito sob as reações geradas no analisando. Claramente não é teu, não é meu, é nosso. Isso muda a forma de trabalhar com a transferência e a maneira de interpretar. Parece que isso está de acordo com a ideia descrita pela Anne quando diz que o analista participa com a sua subjetividade na criação do jogo transferencial/contratransferencial. Ou seja, o “modo de presença” do analista e como ele responde aos movimentos pulsionais do paciente interferem na cena analítica.

Anne Brun pergunta: como o sujeito pode retornar à cena da transferência? Observem que ela usa a expressão “retornar à cena”. Em outras palavras, parece dizer que no ato e na descarga de afeto o sujeito capaz de fazer a mediação do psíquico desaparece, ele não está na cena, o que surge é o afeto em estado bruto. Diante da intensidade de angústia, o Eu se desligou de uma parte de si mesmo como estratégia de defesa. Será preciso encontrar no analista alguém que suporte tal violência, sem que o sujeito se sinta novamente ameaçado por isso, podendo transformar o trauma em trama. Observei que não usou em nenhum momento o conceito de identificação projetiva. Nas situações em que emerge uma angústia muito violenta que busca abrigo no interior do objeto, ou em que o analista é vivido por uma vivência do paciente, não estaríamos diante desse mecanismo primitivo de defesa e de comunicação?

Tomemos o primeiro caso: uma moça de 30 anos, escultora, aparentemente esquizofrênica e que nas primeiras sessões apresenta uma manifestação inesperada “queimação extrema nos lábios” que a impede de vir as sessões. Levará

algum tempo até que seja possível estabelecer um sentido, ligar a manifestação corporal a um conflito. A analista pensa que é impossível a paciente falar da violência vivida com seu pai, pois colocaria em risco novamente sua própria existência e sua subjetividade. Podemos pensar que essa manifestação somática a serviço da sobrevivência psíquica está na linha das ideias de Joyce McDougall, descrita como uma histeria arcaica e se diferenciando de uma histeria neurótica? Na histeria neurótica, o sintoma toma a forma de uma satisfação substitutiva — a queimação nos lábios — e poderia representar lábios ardentes de paixão, por exemplo.

Essa mesma paciente faz modelagens em gesso, com uma estrutura de metal ao centro funcionando como suporte. Diz ela: "moldo o mais rápido possível. Sempre tive medo que ela não se solidificasse e se desintegrasse, que ela não se mantivesse e a estrutura metálica fosse abaixo". A paciente se sente como a estrutura que pode romper: "sempre tenho medo que exploda, como eu, que por vezes desmorono". Aqui, Anne faz uma recomendação técnica: será preciso re-ligar essas sensações catastróficas ao objeto presente na cena inicial e ao cenário ligando com a história (eu, o objeto e a história). É a analista quem reintroduz o sujeito na cena: "você sente ir pelos ares, você e sua escultura, é como o vidro quebrado pelo cinzeiro que o teu pai havia arremessado". Se estar na cena for experimentado como tolerável, pode permitir a paciente reconhecer o ódio no olhar do pai e o seu próprio horror diante dele (dizia que gostava de esculturas na quais não se pode olhar o rosto, talvez como expressão daquilo que ela não tinha condições de perceber).

O segundo caso também se trata de uma mulher de 30 anos, com uma depressão crônica. Anne apresenta o trabalho com o arcaico e o desprendimento da sombra do objeto em uma referência ao *Luto e melancolia*, de 1917. Ao escrever "sombra" me equivoquei e escrevi "sobra do objeto", o que me fez pensar que da relação com o objeto deve sobrar um sujeito, na melhor das hipóteses. Em alguns casos, no entanto, o que resta é um sujeito melancólico. E, nesses casos, ela ressalta o caráter decepcionante do objeto na Melancolia, sendo que a decepção concerne ao modo de presença do objeto, e não pela sua ausência como costumamos pensar (na tradução da imagem não encontrei a palavra decepção, foi traduzido por uma real desconsideração ou desapontamento sofrido pelo objeto). Isso será encenado na transferência, enfatizando que a sombra do objeto recai primeiro (Anne enfatiza isso) sobre o analista em sua contratransferência, que pode ficar inconsciente por muito tempo. Mais uma vez, ressalto o valor técnico dessa observação. No caso apresentado, a analista não estava ali, pensava em outros pacientes, estava desligada da sua paciente, habitada pela sombra de uma mãe pouco presente, indisponível, ocupada com seus outros filhos.

Anne enfatiza que a sombra do objeto não recai da mesma maneira devido às características do objeto. Aqui, parece fazer uma distinção entre o objeto decepcionante (melancólico) e o objeto ausente (luto) (seria interessante ouvir a Anne sobre isso). Diz ela que a função da análise é devolver aos objetos sua exterioridade, que é o que permite escapar da sombra do objeto (desencarcerar o objeto). O analista ser vivido por esse objeto é o começo dessa exterioridade ao meu ver. Daí o cuidado ao interpretar. Se dissermos “não sou eu que estou indisponível, é tu que sente assim...”, estamos aderidos ao superego traumatizante. Anne, de forma muito sensível, indica que a interpretação precisa reconhecer o estado de privação sofrido e, neste caso, de como a paciente carregava dentro de si, sua mãe, e seu padrasto, cujo interesse era voltado aos seus meios irmãos e nunca a ela.

Também do ponto de vista teórico recupera o conceito de identificação adesiva, descrito por Donald Meltzer e Esther Bick, como uma forma de ligação por aderência/colagem ao objeto, devido à ausência de espaços com os quais o bebê possa contar para se projetar. Conquistar um espaço interior depende de ter tido a experiência com um objeto continente (com um interior) que mantém unidas as partes do bebê, criando um dentro-fora, um eu-outro.

Por último, apresenta o Sr. Blanc, e discute a problemática do arcaico a partir do modelo clássico da perversão e do fetichismo, tomando-os como insuficientes para pensar as clínicas das neossexualidades, em uma referência ao conceito da Joyce McDougall. Sabemos da centralidade que tem em Freud a angústia de castração correlata do Complexo de Édipo, calcada nas diferenças sexuais anatômicas. Diante das encenações do Sr. Blanc, Anne pensa que ele tentava “escapar da catástrofe primitiva da ausência de olhar e toque materno”, nesse sentido, o terror fica menos associado à visão da falta de um falo do que à ausência desse olhar, sem desconsiderar que nossa escuta analítica transita de um estado a outro.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 18/11/2022

Aceito em: 18/11/2022

Christiane Vecchi da Paixão
Rua Ramiro Barcelos, 1793 / 408
90035-006 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: cv.paixao@hotmail.com